

**"SÃO LÁGRIMAS, SANGUE E VENENO":  
A ESTETIZAÇÃO DO MAL  
EM MARANHÃO SOBRINHO E CRUZ E SOUSA**

*Gustavo Augusto de Abreu Clevelares (UERJ)*  
[gustavoabreu@outlook.com](mailto:gustavoabreu@outlook.com)

É perfeitamente aceitável questionar como teria sido a literatura ocidental do final do século XIX sem toda a influência de Charles Baudelaire (1821-1867). Pautada na essência lírica deixada por esse patrono dos desdobramentos pós-românticos da literatura francesa, esta reflexão finca raízes na estética do Decadentismo, que tem berço comum com o Parnasianismo e Simbolismo e que se espalha do *fin-de-siècle* à *belle époque*. No Brasil, por sua vez, devido a diversos fatores artísticos e culturais, o Decadentismo foi eclipsado pelas outras duas estéticas finisseculares, ficando à margem do cânone. Entretanto, tomando como base a estética decadente, objetiva-se aqui trazer à luz dos estudos literários algumas das típicas marcas desse movimento em dois poetas brasileiros considerados simbolistas – Cruz e Sousa (1861-1898) e Maranhão Sobrinho (1879-1915) – dando enfoque a temática do satanismo baudelariano. Nesse sentido, (re)leitura e o estudo de dois poemas, ambos intitulados “Satã”, revelará ao leitor um deslocamento da figura do anjo caído: diferentemente do pavor disseminado pelo cristianismo, nos poemas supracitados Satã se torna objeto de contemplação, sendo entendido como um Deus e colocado em um palácio esculpido em pedrarias raras, realizando, assim, uma verdadeira estetização do mal. Há, portanto, a percepção de uma estratégia de transgressão dos valores da doxa burguesa e de reformulação da temática da lírica, já que no Brasil até a metade do século XIX a arte literária estava voltada, em linhas gerais, para a consolidação da identidade nacional e para as críticas sociais. Dessa forma, este estudo nos permite analisar poemas a partir do prisma da estetização hermética, do satanismo e do niilismo de referência baudelairiana, reafirmando a ressonância decadentista na literatura brasileira do fim dos oitocentos ao início dos novecentos.